



# **IMAGENS ANTICLERICAIS RADICAIS: A FORMAÇÃO E A CIRCULAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SUBVERSIVO NA IMPrensa ANTICLERICAL ARGENTINA E BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Radical anticlerical images: the formation and circulation of a subversive imaginary in the Argentine and Brazilian anticlerical press at the beginning of the 20<sup>th</sup> century

**Caroline Poletto**<sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-3273-4784>

E-mail: [caropoletto@gmail.com](mailto:caropoletto@gmail.com)

<sup>a</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul,  
*Campus* Bento Gonçalves.  
Bento Gonçalves, RS, Brasil.

**DOSSIÊ**

**Radical History em Contextos Globais**



## RESUMO

O presente artigo pretende, através da análise de imagens veiculadas na imprensa anticlerical argentina e brasileira durante as três primeiras décadas do século XX, adentrar e desvendar parte do imaginário subversivo divulgado e fomentado nestas folhas de combate. Os jornais anticlericais aqui analisados (*A Lanterna*, *El Burro*, *El Peludo*, *Lúcifer* e *Revista Liberal*) apresentam uma relação de proximidade com o movimento anarquista e circulam em um contexto em que o analfabetismo se apresenta elevado, de forma que a constante utilização de imagens radicais seja, em si mesma, uma estratégia escolhida para atacar o inimigo, constituir estereótipos bem delimitados e desmoralizar tanto a instituição católica em si quanto os membros que a constituem: padres e freiras. Sendo assim, darão corpo a esse imaginário anticlerical a utilização constante de imagens de padres autoritários, gananciosos, beberrões e glutões, imagens de freiras devassas e grávidas e a utilização de múltiplas representações iconográficas de uma instituição imoral, cobiçosa e avarenta. Além de desvendar parte deste imaginário anticlerical, o presente artigo também pretende inserir esses artefatos culturais – as imagens – em uma grande rede de circulação internacional, apontando para o caráter transnacional da imprensa anticlerical e, ao mesmo tempo, destacando a repetição, a ressignificação, a utilização e a constante circulação das imagens pelos periódicos em questão, elementos esses que são fundamentais na constituição de qualquer imaginário e, no caso em roga, de um imaginário anticlerical radical e subversivo.

## PALAVRAS-CHAVE:

Anticlericalismo. Imaginário subversivo. Imprensa anarquista e anticlerical.

## ABSTRACT

This article intends, through the analysis of images published in the Argentine and Brazilian anticlerical press during the first three decades of the 20th century, to penetrate and unravel part of the subversive imagery disseminated and fostered in these combat sheets. The anticlerical newspapers analyzed here (*A Lanterna*, *El Burro*, *El Peludo*, *Lúcifer* and *Revista Liberal*) present a close relationship with the anarchist movement and circulate in a context in which illiteracy is high, so that the constant use of radical images is, in itself, a chosen strategy to attack the enemy, to constitute well-defined stereotypes and demoralize both the Catholic institution itself and its constituent members: priests and nuns. Thus, the constant use of images of authoritarian priests, greedy, drunkards and gluttons, images of wanton and pregnant nuns and the use of multiple iconographic representations of an immoral, covetous and avaricious institution, will embody this anticlerical imagery. In addition to unraveling part of this anticlerical imagery, this article also intends to insert these cultural artifacts - images - into a large network of international circulation, pointing to the transnational character of the anticlerical press and, at the same time, highlighting the repetition, the re-signification, the use and constant circulation of images by the periodicals in question, elements that are fundamental in the constitution of any imaginary and, in this case, of a radical and subversive anticlerical imaginary.

## KEYWORDS:

Anticlericalism. Subversive imaginary. Anarchist and anticlerical press.



**V**erifica-se que, na última década, se produziu e ainda está se produzindo uma renovação nos estudos historiográficos acerca tanto do movimento anticlerical, quanto da sua imprensa como um todo.<sup>1</sup> O anticlericalismo é aqui entendido como um movimento que condena a influência dominante de instituições religiosas, especialmente, do clero católico, sobre os fatores políticos e sociais da vida pública e que esteve presente em diversos programas políticos, não sendo, portanto, exclusividade dos movimentos populares de esquerda e nem dos anarquistas, tendo sido também amplamente propagado por livres-pensadores, positivistas, cientificistas, republicanos e racionalistas.

Além da retomada do interesse por essa temática, também se percebe que as recentes pesquisas estão realizando novas perguntas, possibilitadas, entre outros fatores, pela ampliação não somente das fontes utilizadas, mas também no que concerne à facilidade de acesso a elas, tendo em vista a gênese e o aprimoramento dos arquivos digitais em diversos países, bem como as novas possibilidades de reprodução e de categorização dessas fontes, permitindo, entre outras inovações, um olhar de caráter mais global acerca desse movimento e imprensa.

Entretanto, apesar do avanço percebido na digitalização de jornais e revistas anticlericais, é importante salientar que esse avanço, muitas vezes, ainda não é percebido nos pequenos<sup>2</sup> jornais anticlericais – alguns aqui utilizados – que sobrevivem (e resistem) apenas no seu formato original e em condições bastante deterioradas, a exemplo do jornal anticlerical *Lúcifer*,<sup>3</sup> de Porto Alegre, ou se apresentam apenas no formato microfilmado, ainda dependendo do deslocamento do pesquisador ao arquivo físico em que se encontram depositados, como os jornais *El Burro* e *El Peludo*,<sup>4</sup> de Buenos Aires, e a *Revista Liberal*,<sup>5</sup> de Porto Alegre, com a vantagem, em comparação com as pesquisas de épocas anteriores, da possibilidade de solicitação de digitalização desse material, senão na íntegra, de parte deste.<sup>6</sup> O único jornal anticlerical utilizado na presente pesquisa que está disponível em arquivo digital é o paulista *A Lanterna*.<sup>7</sup>

Esse avanço tecnológico também se reflete na utilização das imagens enquanto fonte de pesquisa, uma vez que possibilita a reprodução, o melhoramento e o detalhamento das imagens contidas nos jornais, de forma a dar destaque para a utilização dessa fonte visual na construção do conhecimento histórico contemporâneo; fonte essa pertencente ao mundo do sensível, que mescla o artístico com o político, a objetividade

<sup>1</sup> Dentre esta renovação se destacam os trabalhos de Roberto di Stefano e José Zanca (2013) no que concerne aos estudos do anticlericalismo latino-americano e, principalmente, argentino e os trabalhos de Antônio Cleber Rudy (2017) e Caroline Poletto (2017) nos estudos do anticlericalismo brasileiro.

<sup>2</sup> O adjetivo pequeno foi aqui utilizado se referindo aos jornais da imprensa anticlerical marcados por uma reduzida tiragem de exemplares, uma existência efêmera e dificuldades político-econômicas para manter uma circulação constante.

<sup>3</sup> Os exemplares originais encontram-se depositados no Museu de Comunicação Hipólito José de Costa, na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>4</sup> Ambos os jornais se encontram, em formato microfilmado (com a possibilidade de digitalização) na Hemeroteca do CEDINCI – Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas, em Buenos Aires, Argentina. Não dispensam, portanto, da presença do pesquisador no arquivo.

<sup>5</sup> Os exemplares da *Revista Liberal* se encontram, em formato microfilmado (com a possibilidade de digitalização) no Núcleo de Pesquisa Histórica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NPH), em Porto Alegre, RS, Brasil. A presença do pesquisador no arquivo ainda é essencial para a análise do microfilme e seleção do que será digitalizado.

<sup>6</sup> Alguns arquivos cobram pela digitalização do material. Geralmente a cobrança é por página solicitada.

<sup>7</sup> Os exemplares dos anos de 1909-1916 estão disponíveis no *site* da Hemeroteca Digital Brasileira (Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br>. Acesso em: 10 set. 2016.) e os exemplares dos anos de 1933-1935 estão disponíveis no *site* do CEDEM – Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista – UNESP (Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br>. Acesso em: 8 dez. 2016.).

com a subjetividade, e justapõe os limites da realidade e da ficcionalidade. De forma que o estudo das imagens anticlericais também reflete uma carência atual de orientação, tendo em vista que a contemporaneidade não escapa às imagens, essa mesma carência impulsiona os seguintes questionamentos: como essas imagens subversivas circulam e se reproduzem tanto no espaço (diferentes cidades e países) como no tempo? O que permanece? O que se transforma? Como se dá o processo de reapropriação, repetição e reconstrução imagética? Qual a importância do recurso visual nesse tipo de imprensa? Como o imaginário anticlerical subversivo é refletido/comunicado através dessas imagens? Quais os estereótipos e estratégias comunicacionais utilizados por essas imagens radicais subversivas? São questões como essas que este artigo pretende, ao menos em partes, elucidar.

O presente texto objetiva, através da análise de imagens veiculadas na imprensa anticlerical argentina e brasileira durante as primeiras três décadas do século XX, adentrar e desvendar parte do imaginário subversivo divulgado e fomentado nestas folhas de combate à influência religiosa. Para tal, serão utilizados jornais e revistas anticlericais que apresentam uma relação bastante próxima, simpática, ao anarquismo, como o jornal *Lúcifer*<sup>8</sup> e a *Revista Liberal*<sup>9</sup> de Porto Alegre, o jornal *A Lanterna*<sup>10</sup> de São Paulo e os jornais *El Peludo*<sup>11</sup> e *El Burro*<sup>12</sup> de Buenos Aires. Por vezes e embora não sejam o foco do presente trabalho, aparecerão também algumas imagens publicadas em renomados jornais anticlericais europeus, como o espanhol *El Motín* e o italiano *L'Asino*, com a finalidade única de apontar as circulações, repetições e reapropriações de certas imagens verificadas também na imprensa anticlerical brasileira e argentina, apontando, de certo modo, para uma possível rota percorrida por essas imagens.

Vale a pena ressaltar que essa relação de proximidade existente entre anarquistas e anticlericais no decorrer do século XX ainda foi pouco explorada pela historiografia e se acredita que há muito a ser dito sobre essa afinidade. Sendo que, muitas vezes, o próprio anticlericalismo foi tratado como um tema menor,<sup>13</sup> mesmo dentre os estudos do movimento operário e do próprio anarquismo. Importante pontuar que a definição de anarquismo aqui utilizada é uma definição datada e mais compacta em comparação com alguns estudos centrados no anarquismo que acabam por caracterizá-lo de maneira muito ampla, englobando todo tipo de pensamento e ação praticados contra qualquer tipo de autoridade, em todos os tempos históricos.<sup>14</sup> O anarquismo é aqui entendido como uma

<sup>8</sup> Aparece na capital gaúcha em meados de 1907 e durará até 1911 (estando em circulação no mesmo período do jornal anarquista *A Luta*). A publicação anticlerical contará com colaboradores que também atuam no *A Luta*.

<sup>9</sup> Começou a circular na cidade de Porto Alegre a partir de 1921 se estendendo até 1923. Seu diretor era o anarquista Polidoro Santos.

<sup>10</sup> Jornal anticlerical paulista (simpático aos ideais libertários). Teve três fases: a primeira de 1901-1904, a segunda de 1909 a 1916 e a terceira de 1933 a 1935. Contava com alguns nomes anarquistas dentre seus colaboradores, como Edgard Leurenroth, Benjamin Mota e o anarquista português Neno Vasco que escreveu até 1911, desde Portugal.

<sup>11</sup> Jornal anticlerical simpático ao anarquismo que circulou em Buenos Aires durante os anos de 1917 a 1930, com interrupções.

<sup>12</sup> O periódico foi fundado, em Buenos Aires, em meados de 1918 pelo anarquista italiano Oreste Ristori, o qual, no Brasil, colaborava com o jornal anarquista *La Battaglia*, demonstrando a ampla circulação de diretores e colaboradores dentre os jornais libertários e as folhas anticlericais. Com a prisão de Oreste Ristori em 1919, o jornal *El Burro* deixa de existir.

<sup>13</sup> Uma exceção importante e que abriu espaço para posteriores estudos centrados no anticlericalismo é a obra de René Rémond, datada de 1976 e intitulada *L'anticléricalisme en France de 1815 à nos jours* (O anticlericalismo na França de 1815 a nossos dias) (RÉMOND, 1985).

<sup>14</sup> O próprio anarquista russo Kropotkin, ao ser convidado para escrever uma definição de anarquismo para a *Enciclopédia Britânica* de 1910, acaba por resgatar esse caráter atemporal do anarquismo, definindo-o como sendo "tudo aquilo que é contrário à autoridade".

ideologia advinda da classe trabalhadora, durante o período de afirmação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), entre as décadas de 1860 e 1870. Correa, no seu estudo sobre o movimento anarquista, apresenta a definição de Guérin sobre anarquismo e essa definição é, ao mesmo tempo, menos ampla e coerente com os propósitos do movimento:

O anarquismo, para ele, é uma corrente do socialismo que defende, similarmente aos outros socialistas, a luta contra a exploração, e, diferentemente deles, a posição de que o Estado não é um meio para se atingir a liberdade, a qual só se pode chegar por meio de práticas libertárias. Guérin define o anarquismo a partir dos seguintes princípios: a luta contra o capitalismo, o Estado e a democracia burguesa; a crítica ao socialismo “autoritário”; as energias individuais e das massas; seus aspectos construtivos, que incluem a organização, a autogestão e o federalismo na economia e na política, a mobilização pelo local de trabalho e moradia; o internacionalismo e o anti-imperialismo (CORREA, 2015, p. 64-65).

Após essa breve, porém necessária, definição de anarquismo, é preciso voltar para o anticlericalismo, o qual sempre esteve nas pautas reivindicatórias do próprio anarquismo. Apesar da iniciativa e do pioneirismo de Rémond, os historiadores tardarão mais de duas décadas para retomar e aprofundar os estudos sobre o anticlericalismo e, apenas no século XXI, é que alguns trabalhos começarão a analisar o anticlericalismo através de uma perspectiva global de análise, indo além dos estudos isolados do movimento anticlerical em determinados contextos e países e começando a realizar análises de relações, influências e circulações, tratando o movimento anticlerical como um movimento de caráter internacionalista e global. Nesse sentido, o historiador Antonio Cleber Rudy (2017, p. 12), ao se referir sobre a historiografia brasileira, pontua que: “[...] as campanhas anticlericais foram vistas, pela historiografia brasileira, como tema menor, como denotam os pouquíssimos estudos de caso. Inclusive, em obras de referência sobre o movimento operário brasileiro, o anticlericalismo foi tratado como um fenômeno opaco”.

El anticlericalismo desarrolló un imaginario propio, reproducido en prácticas, rituales, sociabilidades, medios de difusión e instituciones que habilitaron su permanencia y reproducción en el tiempo. Una verdadera cultura anticlerical se consolidó en distintos espacios sociales iberoamericanos. [...] Los ámbitos de sociabilidad propios de la modernidad: masonería, sociedades de librepensadores, organizaciones vinculadas al socialismo o al anarquismo sirvieron para transmitir un ideario y un conjunto de imágenes compartidas (DI STEFANO; ZANCA, 2013, p. 19-20).

São essas imagens compartilhadas, citadas por Di Stefano e Zanca (2013) que o presente artigo tentará recuperar ao utilizar como fonte de pesquisa jornais anticlericais de cidades e países distintos. Ressalta-se ainda a pouca ocorrência de trabalhos centrados nos procedimentos relacionais dos periódicos da imprensa anticlerical de diferentes cidades e países, uma vez que o que mais se verifica é a existência de estudos isolados que abordam os jornais de uma cidade ou país específico, sem realizar uma análise relacional entre os elementos da imprensa anticlerical de outros países, sem colocar, portanto, esses diferentes periódicos em contato. Pode-se dizer que o presente estudo comunga com os pressupostos da denominada história transnacional, pois pretende refletir sobre algumas das novas tendências e possibilidades historiográficas verificadas no campo da história da imprensa através da aplicação de uma lente

transnacional de análise, estabelecendo interconexões entre os espaços e os atores sociais envolvidos.

Ao analisar essas imagens compartilhadas e divulgadas pela imprensa anticlerical se está adentrando no território dos imaginários sociais. Para Baczko (1985), o imaginário faz referência a todas as construções coletivas de interpretação e de organização social a partir de símbolos e de representações; sendo que o conjunto das representações elaboradas pela sociedade formam o que se denomina de imaginário social. Esse imaginário seria, portanto, o meio pelo qual um grupo “designa sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns” (BACZKO, 1985, p. 309).

No caso do imaginário anticlerical aqui analisado, é preciso pontuar que esse imaginário é também subversivo, uma vez que não pertence ao imaginário social dominante, mas, ao contrário, se contrapõe a ele. Essa contraposição é percebida nas imagens veiculadas nessa imprensa, as quais questionam certas crenças e atitudes normativas da sociedade, como a influência das instituições religiosas na vida das pessoas e os hábitos daqueles que estão à frente dessas instituições. Ao expor esses questionamentos, as imagens anticlericais assumem um caráter radical, no sentido em que defendem uma mudança profunda na sociedade, a qual deveria se desvincular dos costumes e da moral católica, cuja influência ainda era dominante nas décadas iniciais do século XX.

O presente artigo se dividirá em quatro partes distintas, sendo que, em cada uma dessas partes, se analisará um conjunto de representações visuais formado pelas seguintes ideias-imagens e temáticas centrais: a primeira delas apresentará o estereótipo de padres autoritários e gananciosos; a segunda trará uma série de curas bebedores e glutões; a terceira se centrará nas imagens chocantes de freiras devassas e grávidas; e, o quarto e último conjunto, será dedicado às representações iconográficas de uma instituição imoral, exploradora, cobiçosa e avarenta. Ressalta-se o fato de que esses quatro conjuntos aqui analisados não darão conta de todo o imaginário anticlerical verificado nesses periódicos através das imagens, tendo em vista a ampla diversidade de estereótipos e de estratégias visuais englobadas na formatação desse imaginário anticlerical, mas exemplificarão alguns recursos e estereótipos frequentemente utilizados.

Antes de se adentrar no universo das imagens anticlericais, é preciso ressaltar a importância desse recurso visual, já que as imagens atraem os olhares da multidão e, ao mesmo tempo, transmitem conteúdos vinculados aos seus ideais. O ilustrador e gravurista Walter Crane acreditava que as crianças aprenderiam por meio de imagens antes mesmo de saber ler e escrever, o que parece bastante lógico quando se observa a grande utilização de imagens pela imprensa anticlerical simpática ao anarquismo, cujo público apresentava um número considerável de analfabetos e de recém alfabetizados. De forma que o aspecto visual representado pelo desenho tem uma grande importância nos periódicos argentinos e brasileiros desse período, uma vez que ele é um forte elemento doutrinador, dotado de crítica mordaz, irônica, satírica e, principalmente, humorística do comportamento humano; ainda mais em um contexto povoado por analfabetos,<sup>15</sup> em que, muitas vezes, o traçado dos gravuristas/caricaturistas era o único elemento do periódico que atingia esse público desprovido das habilidades da leitura e da escrita.

<sup>15</sup> De acordo com Poletto (2017), na província de Buenos Aires o índice de analfabetismo chegava a 45% em 1895 e reduzia-se para 31,6% em 1914; sendo que a concentração desses analfabetos se dava nos bairros operários. Em São Paulo, em meados de 1920, 42% da população era iletrada. Já para a capital gaúcha a taxa de analfabetismo chegava a cerca de 27% em 1920, também se concentrando os analfabetos nos bairros operários.

## O PADRE AUTORITÁRIO E GANANCIOSO

Um tema bastante recorrente no imaginário anticlerical diz respeito à avareza, ou seja, ao apego ao dinheiro por parte da Igreja e de seus membros. Assim, uma série de imagens retratarão os religiosos ostentando, escondendo, ou mesmo roubando quantias ou de ouro ou, ainda, cobrando expressivas quantias por missas, rezas, enterros, pelo comércio de “reliquias sagradas” e, até mesmo, pela venda de indulgências, através das quais a remissão dos pecados seria garantida, assim como lugares exclusivos no paraíso.

Figura 1 – Uma sagrada cobrança



Fonte: *El Motin*, Madri, n. 2, p. 1, 12 jan. 1911.

Figura 2 – Garantindo o céu



Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 387, p. 1, 26 jan. 1935.

Figura 3 – Se paga siempre



Fonte: *El Burro*, Buenos Aires, n. 13, p. 2, 22 dez. 1918.

Assim, o jornal anticlerical espanhol *El Motín* apresenta, em um exemplar de 1911, uma imagem em que o religioso, que detém uma postura autoritária, aparece cobrando, de maneira impiedosa, por um enterro (Figura 1). A mulher que se encontra efetuando o pagamento está chorando e apresenta uma postura indefesa em relação ao autoritário padre. A cena revela também a relação de exploração existente entre a mulher e a Igreja, uma vez que ela depende do serviço religioso para enterrar seu pai e, por isso, acaba gastando do pouco que dispõe para garantir um enterro digno ao seu ente querido. A legenda que acompanha a imagem reafirma a postura autoritária, impiedosa, chantagista e mesquinha do clérigo, o qual parece apenas se importar com o dinheiro, ao mesmo tempo em que ignora o sofrimento da senhora: “o *sueitas el último céntimo, o no entierro a tu padre*”.

No ano de 1935, uma adaptação desta imagem aparece no jornal anticlerical paulista *A Lanterna*, ou seja, a imagem é redesenhada com os traços de outro artista (Figura 2). Na imagem não há indicação alguma de que ela se trata de uma adaptação de outra imagem já existente e em circulação na imprensa anticlerical. Possivelmente, o artista que adaptou o desenho seja *Robí*, o desenhista que geralmente assinava as representações visuais elaboradas pelo *A Lanterna*. Na imagem adaptada, alguns elementos ganham maior destaque, como os traços do rosto, as mãos e os pés do clérigo, de forma que este é retratado de maneira mais monstruosa em relação à imagem veiculada no *El Motín*; parece que o artista intensificou certos traços para deixar o eclesiástico mais feio e desumano, lembrando que as características físicas revelam sempre aspectos (faltas) morais. A desproporção e o exagero dos membros do eclesiástico (pés, mãos, nariz, orelhas) verificado na readaptação da imagem pelo *A Lanterna* são próprios da estética do grotesco e se revelam uma estratégia bastante utilizada no imaginário anticlerical: “[...] o monstruoso, constituído justamente da mistura dos domínios, assim como, concomitantemente, o desordenado e o desproporcional surgem como características do grotesco” (KAYSER, 2003, p. 24).

A legenda que acompanha a readaptação da imagem no *A Lanterna*, embora não seja a mesma do *El Motín*, igualmente revela a postura autoritária e avarenta do padre, que cobra adiantado para enterrar o marido da viúva (não se trata mais do pai, mas sim do marido), de forma que os complementos textuais das imagens podem levar a



identificações distintas. Eis a legenda: “-Arranja-me dinheiro, pois sem pagamento adiantado não haverá missas e que seu santo marido vá para o inferno”. A ameaça do inferno parece ser uma das estratégias mais eficazes da igreja para manter o seu poderio e influência perante os fiéis. Verifica-se assim que essa mesma imagem permaneceu em circulação, dentre os jornais anticlericais, por mais de duas décadas, sofrendo alterações de tempos em tempos e contribuindo para a constituição do imaginário anticlerical, de forma que a própria repetição é uma característica essencial de qualquer imaginário.

Já na Figura 3, é possível perceber que texto e imagem se complementam com a intenção de denunciar as cobranças indevidas do clero. A imagem, publicada em 1918 na folha anticlerical *El Burro*, apresenta uma mãe e um corpulento padre que a assedia solicitando dinheiro para as novenas que esse teria organizado em prol da saúde de seu filho. Entretanto, a mãe acaba por informar ao cura que o menino faleceu. O padre, então, muito astuto, solicita o valor dobrado, uma vez que Deus teria concedido a saúde eterna ao garoto. A hipocrisia clerical representada é tamanha, tendo em vista que o religioso tira proveito da morte de uma criança e do desespero da mãe para lucrar duplamente.

Na Figura 3 se observa outra estratégia bastante empregada no imaginário anticlerical: o contraste dos sujeitos e sua apresentação através de uma dicotomia maniqueísta, ou seja, a mulher raquítica usando trapos e o padre obeso com a sua vestimenta impecável. De forma que os dois personagens sejam reconhecidos instantaneamente pelo observador e categorizados em lados opostos: de um lado, o explorador, o parasita social representante do mal e, do outro, a vítima explorada, representante do bem. A pesquisadora Lily Litvak comenta sobre a utilização de personagens simples e facilmente identificáveis (sem aprofundamentos psicológicos) na estética anticlerical e libertária:

El personaje se presenta en tipos amplios e invariables, reconocibles instantáneamente por el receptor o lector. No hay tiempo ni espacio para desarrollar la psicología o las motivaciones de los actos, ni tampoco para interrogarse de la moral del personaje. De hecho, la moral y el personaje son inseparables y se identifican simultáneamente (LITVAK, 2001, p. 90).

Pelo exposto até aqui fica evidente a permanência da crítica aos abusos monetários cobrados pelos eclesiásticos ao longo de, pelo menos, três décadas, nas páginas da imprensa anticlerical argentina e brasileira. Além dessas denúncias relacionadas às taxas cobradas para enterros, novenas e missas, outra crítica bastante recorrente nas imagens anticlericais aludia ao “roubo abençoado”, ou seja, ao roubo silencioso, discreto, camuflado, de maneira que o devoto nem percebia que estava sendo furtado. Em tais composições, normalmente o fiel aparecia em posição de reza, olhando para o céu, distraído com as orações sagradas, de forma que a própria fé acabava por cegá-lo frente aos abusos cometidos pela instituição católica. Ao mostrar os eclesiásticos praticando roubos, enquanto ladrões, os anticlericais se utilizavam de um dos próprios mandamentos da Igreja – “não roubar” – para desmascarar a hipocrisia que se escondia através de negras batinas.

A composição abaixo do “roubo abençoado” circulou recorrentemente pela imprensa anticlerical, com algumas modificações pontuais na composição, porém, com a manutenção da cena central em que o distraído fiel tem sua carteira furtada por algum religioso (e aqui se utiliza o estereótipo do padre corpulento, gorducho). Sendo assim, se analisará algumas destas composições, a fim de comprovar a recorrência e a permanência da mesma durante todo o marco temporal desta pesquisa, ou seja, por pelo menos 30 anos. Ressaltando que a difusão e a repetição de certas imagens, signos e

símbolos são essenciais para construção e a manutenção de um imaginário próprio. De acordo com Baczko:

A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controle destes meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças (BACZKO, 1985, p. 313).

Figura 4 – Il Paradiso dei preti



Fonte: *L'Asino*, Roma, n. 34, p. 8, 20 ago. 1905.

Figura 51 – O paraíso dos padres



Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, n. 2, p. 2, 20 set. 1907.

Figura 6 – Paraíso celestial



Fonte: *Revista Liberal*, Porto Alegre, n. 1, p. 4, fev.1921.

Figura 7 – A Armadilha



Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, p. 1, 26 mar. 1910.

O periódico *Lúcifer*, de Porto Alegre, apresenta, em 1907, uma composição em que o fiel é distraído pelo padre gorducho que o engana (Figura 5). Enquanto o fiel olha para o céu, o padre aproveita para usurpar-lhe a carteira. A legenda apresenta um breve diálogo entre os personagens, de maneira a reafirmar o roubo clerical e a inexistência do paraíso celeste em benefício do paraíso terrenal dos padres. Eis o diálogo: “— *olha lá em cima... - Mas eu não vejo nada... - Pois! Aquele é o paraíso...!*”. Logo após a legenda aparece a indicação de que a imagem foi retirada do jornal anticlerical *L’Asino*, de Roma (Figura 4). A imagem, de autoria de *Ratalanga*, apareceu no jornal italiano em 1905 e, em 1907, já estava em plena circulação em Porto Alegre. A imagem está assinada pela sigla R. T. (o T está de cabeça para baixo). O periódico *Lúcifer* manteve tanto o título “*o paraíso dos padres*”, quanto a legenda que acompanhava a imagem no *L’Asino*. No entanto, a *Revista Liberal* de Porto Alegre exibirá a mesma imagem no ano de 1921 (Figura 6), entretanto não vinculará título à composição e alterará a legenda, porém mantendo o sentido: “*lá no céu está o paraíso, o reino dos pobres, de espírito...*”.

Já o anticlerical *A Lanterna* (Figura 7) modifica certos elementos da composição, mas mantém o ato do “roubo abençoado” intacto: enquanto o fiel está distraído olhando para a imagem de Cristo e rezando, o clérigo aproveita para roubar-lhe a carteira. Tal adaptação da imagem aparece no ano de 1910. O título “armadilha” já anuncia que uma arapuca será arranjada. A legenda que acompanha a imagem é repleta de ironia, uma vez que apresenta a seguinte fala do devoto: “— *aliviai-me, senhor, do peso dos meus pecados*”, uma vez que a resposta para tal pedido será concedida através do roubo de sua carteira. Ao mesmo tempo em que denunciavam a postura mentirosa e usurpadora da Igreja, os desenhistas também alertavam para o comportamento inapropriado e ingênuo dos fiéis que não conseguiam perceber o caráter falso e prejudicial da Igreja. A composição do “roubo abençoado” sofrerá adaptações ao longo do tempo, mas será constantemente utilizada pelo imaginário anticlerical durante décadas.

## CURAS BEBERRÕES E GLUTÕES

Outra ideia-imagem bastante recorrente na imprensa anticlerical foi a do clérigo glutão. Na maior parte das vezes, o estereótipo do padre glutão se verificará em imagens que o reproduzem desfrutando prazerosamente de um farto banquete, cujo cardápio inclui carnes e vinhos. Usualmente, se acrescenta na composição visual um complemento textual que relaciona a imagem diretamente com a quaresma e a conseqüente pregação católica de não ingerir carne neste período, uma vez que a Igreja orienta seus fiéis a praticarem a abstinência de carne e o jejum na Quarta-Feira de Cinzas e na Sexta-Feira Santa. Ironicamente, as imagens mostrarão os clérigos se empanturrando de carne em plena semana santa, o que, desde que a ironia seja compreendida pelo interpretador, maximiza a crítica anticlerical.

Figura 82 – Fartura na quaresma



Fonte: *A Lanterna*, n. 23, p. 1, 19 maio 1910.

Figura 9 – Glutton!!



Fonte: *El Peludo*, Buenos Aires, n. 59, p. 3, 27 maio 1922.

Figura 10 – Banquete abençoado



Fonte: *El Burro*, Buenos Aires, n. 4, p. 5, 20 out. 1918.

Figura 11 – Mascote do El Peludo



Fonte: *El Peludo*, Buenos Aires, n. 131, p. 1, 31 mar. 1923.

Percebe-se nitidamente a presença da ironia na Figura 8, publicada no *A Lanterna* em meados de 1910 e em que, acompanhando a cena do banquete regado a carnes e vinhos, aparece a seguinte legenda: “*o ensino da abstinência...na quaresma*”, de forma que a imagem ilustra exatamente o contrário daquilo que está sendo afirmado na legenda, uma vez que o ensino ministrado pelo religioso é baseado em excessos e extravagâncias e não em abstinência e sacrifício. Entretanto, a compreensão da ironia pelo interpretador, pelo leitor, apenas será possível se este possuir certo conhecimento da tradição católica e de suas datas sagradas. Sobre essa falta de garantias no que concerne à compreensão da ironia, Hutcheon desenvolve que:

Os principais participantes do jogo da ironia são, é verdade, o interpretador e o ironista. O interpretador pode ser – ou não – o destinatário visado na elocução do ironista, mas ele ou ela (por definição) é aquele que atribui a ironia e então a interpreta: em outras palavras, aquele que decide se a elocução é irônica (ou não) e, então, qual sentido irônico particular ela pode ter. Esse processo ocorre à revelia das intenções do ironista (e me faz me perguntar quem deveria ser designado como “ironista”). É por isso que a ironia é um “negócio arriscado”: não há garantias de que o interpretador vá “pegar” a ironia da mesma maneira como foi intencionada (HUTCHEON, 2000, p. 28).

Uma representação visual e um complemento textual similar àqueles verificados na imagem anterior serão verificados novamente na imagem publicada no *El Peludo* durante o ano de 1922 (Figura 9), ou seja, mais de dez anos após a publicação de uma imagem semelhante no *A Lanterna*, outro indício da permanência do padre glutão nas representações anticlericais. Tal como verificado anteriormente, a presente legenda também apresentará uma ironia alusiva à hipócrita prática do jejum e da abstinência pelos padres durante a semana santa, de forma a descrever todo o “menu” dos alimentos inseridos em tal “jejum clerical”: “*Ayuno y abstinencia de un pollirudo durante la semana santa – Pavos, trufas, salsa blanca, oporto, champagne, poussé, café, etc*”. Não é à toa que a imagem recebe o título de “Glutton” (glutão) e percebe-se também como o mesmo foi retratado com o nariz redondo e o sorriso largo do palhaço, bem como com imensas mãos, ou seja, mais uma vez o exagero de traços e a desproporção corporal fazem parte da representação da figura clerical.

Na Figura 10, publicada no jornal *El Burro* durante o ano de 1918, o grandioso banquete está sendo devorado, não solitariamente, mas, sim, por um aglomerado de clérigos insaciáveis. Várias garrafas de vinho aparecem expostas na mesa, bem como pedaços salientes de carne, de forma que a característica devoradora dos padres faça alusão também à exploração social, à característica da própria instituição de sugadora das energias das camadas populares, não se restringindo, portanto, ao ato de extermínio do banquete, de devorar compulsivamente os alimentos. A gestualidade verificada nos padres glutões apresenta movimentos festivos, alegres, prazerosos, de saciedade e, de forma alguma, de seriedade e reclusão. O próprio desordenamento da cena transmite noções de sociabilidade, de descontração e de um verdadeiro deleite da vida, proporcionado, dentre outros motivos, pelo apetite devidamente saciado.

Já a Figura 11, publicada junto ao título do periódico *El Peludo* durante o ano de 1923, apresenta o clérigo glutão segurando uma garrafa de vinho do lado esquerdo da composição e, do lado direito, uma freira cuja gestualidade transmite certo deleite com o olhar desejoso que o glutão lança em sua direção. Tem-se, assim, em uma mesma composição, tanto o estereótipo do glutão quanto a representação da freira devassa, que será a temática das próximas imagens analisadas.

## FREIRAS DEVASSAS E GRÁVIDAS

Figura 12 – Carnaval



Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 17, 5 fev. 1910.

Figura 13 – Os milagres dos conventos



Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 54, p. 2, 22 out. 1910.

Nas imagens, o padre não está mais se deliciando com fartos banquetes, mas sim divertindo-se descaradamente na companhia de monjas. O padre continua sendo o mesmo devasso insaciável das representações anteriores, mas agora acompanhado da monja impudica e pecadora. As freiras também parecem estar se divertindo e saciando seus apetites sexuais nas representações, de forma que padres e monjas transbordam desejos e distanciam-se do voto de castidade e pureza de corpo e alma. Sobre o corpo das monjas, Zanca afirma o seguinte:

[...] si el cuerpo del cura era la metáfora de la putrefacción y la decadência, la oposición a la juventude y a las posibilidades “legítimas” de conquistar al otro sexo – suplida por el lugar de privilegio que aun la sociedade les otorgaba a los religiosos – el cuerpo de la monja era, por el contrario, el cúmulo de perversiones femininas. Salvo raras excepciones, el cuerpo de la monja era representado de manera realista y su beleza era extrema, Al contrario de los sacerdotes, su piel exumaba juventude y firmeza (ZANCA, 2011, p. 222).

Na Figura 12, intitulada “Viva o carnaval” e publicada no jornal anticlerical *A Lanterna*, no ano de 1910, o espectador se depara com uma cena de folia, de divertimento, em que o padre está erguendo maliciosamente uma freira, a qual também se sacia com o atrevimento do cura que é flagrado (retratado) encostando sua maximizada mão no seio da “santa” monja. A legenda que acompanha a imagem é, ao mesmo tempo, irônica e risível: “*folguemos, na santa paz do senhor*”, uma vez que não há folga e nem descanso na “paz do senhor” retratada, mas sim folia, divertimento e extravagâncias. A junção do recurso visual, da legenda e da ironia é uma constante nos periódicos anticlericais: a primeira seduz, a segunda conduz o olhar e a terceira inverte os sentidos e reforça a crítica. É importante salientar que o emprego da ironia na legenda que acompanha a referida imagem pode ser entendido como uma estratégia, uma vez que a ironia surte um efeito positivo quando é empregada com a finalidade de oposição e de subversão à ordem estabelecida. Ela é, por si própria, uma arma contra essa ordem.



Linda Hutcheon traz a seguinte constatação sobre o emprego da ironia em um contexto revolucionário (que cabe também para a batalha anticlerical aqui apresentada):

Durante a luta revolucionária, a ironia é bem-vinda por causa de seus arremessos contra o inimigo. Uma vez que a revolução estiver posta na sela, a ironia recebe um desligamento imediato e desonroso (D. J. Enright, 1986, p. 108-109). Tal mudança só é possível por causa da natureza transideológica da ironia: enquanto pode-se usar a ironia para reforçar a autoridade, também pode-se usá-la para fins de oposição e subversão – e ela pode tornar-se suspeita por isso mesmo (HUTCHEON, 2000, p. 53).

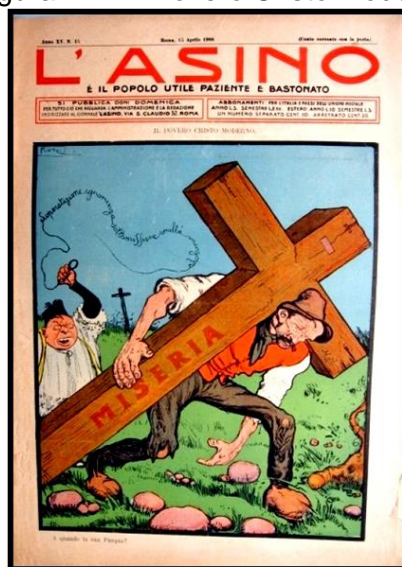
A intenção da Figura 12 é divulgar, de maneira direta e que não deixe dúvidas no receptor da imagem, o estereótipo do padre devasso e da freira impudica. Ambos são retratados com suas vestimentas habituais exatamente para que o observador os identifique e crie, no seu imaginário, sentimentos de repulsa por essas figuras moralmente inconfiáveis. Ocorrendo, portanto, uma tentativa de desconstrução do “outro” baseada na formação de estereótipos claramente verificados.

A Figura 13, por sua vez, seria a consequência direta da relação da freira devassa com os padres insaciáveis. Com base no humor e na comicidade, a imagem do *A Lanterna*, publicada também no ano de 1910, apresenta várias freiras grávidas numa mesma representação. Uma das freiras já está, inclusive, segurando um bebê, outra carrega consigo um visível terço e outras ainda estão com as mãos em posição de reza, o que torna o humor quase inevitável, uma vez que o sagrado é contraposto ao profano, a doutrina cristã é posta lado a lado com sua prática hipócrita. Esses jogos de contrários incompatíveis entre teoria e prática, entre o esperado e o absurdo, entre o moral e o imoral, causam “choques de pensamento” que possibilitam o riso.

No próximo conjunto de imagens, centrado na denúncia de uma instituição opressora e, ao mesmo tempo imoral, o riso estará ausente, sendo este substituído por representações de sofrimento e temor.

## A INSTITUIÇÃO OPRESSORA E IMORAL

Figura 14 – Il Povero Cristo Moderno



Fonte: *L'Asino*, Roma, n. 13, p. 1, 15 abr. 1906.

Figura 15 – O Calvário Moderno



Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n.16, p. 1, 29 jan. 1910.

Figura 16 – El Eterno Cristo



Fonte: *El Burro*, n. 3, p. 1, 13 out. 1918.

Figura 17 – Caminho para o Céu



Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n. 399, p. 4, 10 ago. 1935.

Muitas vezes, mesmo nas imagens anticlericais, o imaginário bíblico aparece de maneira reconstruída, readaptada, redirecionada. Por exemplo, a figura do trabalhador passa a ocupar o lugar de Cristo, tomando para si o sofrimento deste em momentos como a crucificação, ocorrendo a substituição do mártir católico pelo mártir trabalhador. Tendo em conta as composições visuais anteriores, a cruz de Cristo passa a ser carregada pelo trabalhador, que, além do peso da cruz, ainda é chicoteado pelo gordo sacerdote. A primeira aparição da imagem acontece em 1906, no jornal *L'Asino* de Roma e recebe o título de “o pobre Cristo moderno”. Pela assinatura que acompanha a imagem, sabe-se que sua autoria é de Ratalanga, pseudônimo de Gabriel Galantara. No chicote erguido pelo eclesiástico aparecem palavras alusivas à relação entre os devotos e a Igreja: superstição, ignorância e submissão.

A mesma imagem aparece em 1910 nas páginas do jornal paulista *A Lanterna*. Nela é mantida a assinatura de Ratalanga e apenas pequenas alterações são verificadas: as palavras formadas no chicote eclesiástico são traduzidas para o português e a cruz, que aparecia no fundo da imagem original, não é mais verificada. Além disso, o *A Lanterna* apresenta outro título e legenda para a imagem. Ela é intitulada de “o calvário moderno” e a legenda adicionada faz alusão aos modernos fariseus.

Tal imagem aparecerá outra vez mais, em meados de 1918, no jornal anticlerical argentino *El Burro*. Pela baixa qualidade da imagem, não é possível verificar se as palavras do chicote eclesiástico foram traduzidas para o espanhol e a própria assinatura do Ratalanga não pode ser visualizada. No *El Burro*, o complemento textual apresentado diferencia-se do observado no *L'Asino* e no *A Lanterna*, entretanto, mantém o sentido: o título é “o eterno Cristo” e a legenda traz uma frase imperativa (um grito!) do padre direcionada ao trabalhador: “Anda, canalla! Tú no has nacido más que para trabajar y sufrir!”. Essa imagem é mais um exemplo da permanência e da circulação internacional de artefatos culturais pela imprensa anticlerical e o caminho aqui verificado foi o seguinte: Itália (Roma), Brasil (São Paulo) e Argentina (Buenos Aires).

Além dessa circulação verificada, a imagem parece ter sido recriada e alterada em um exemplar do *A Lanterna*, durante o ano de 1935 (Figura 17). O sentido da representação, ou seja, denunciar o sofrimento do trabalhador (que seria tão intenso

quanto o de Cristo) e a consequente exploração eclesiástica é mantido. A ação do trabalhador também é conservada, uma vez que esse continua carregando a pesada cruz. Porém, o padre não está mais chicoteando o trabalhador e, sim, sentado preguiçosamente sob a cruz e aumentando ainda mais o fardo do miserável operário. Pela observação das vestimentas também se percebe uma nítida diferenciação social: o trabalhador veste trapos e está descalço, enquanto o padre ostenta sua negra batina e está com os pés devidamente calçados. Diferentemente das representações anteriores, nesta o caminho seguido pelo trabalhador é visualizado: o caminho para o céu. Trata-se, na verdade, de um falso céu, prometido pela igreja para manter a passividade e a obediência dos fiéis. Não é à toa que o título da imagem é “caminho para o céu”. A legenda apresenta uma fala do religioso, a qual, irônica e sarcasticamente, encoraja o trabalhador a prosseguir seu penoso caminho, enquanto se coloca, na fala, como agente ativo da peregrinação: “– Vamos! Paciência e coragem, que ‘nós’ chegaremos...”. O pronome “nós” apresentado entre parênteses na legenda pretende facilitar a identificação da ironia pelo leitor.

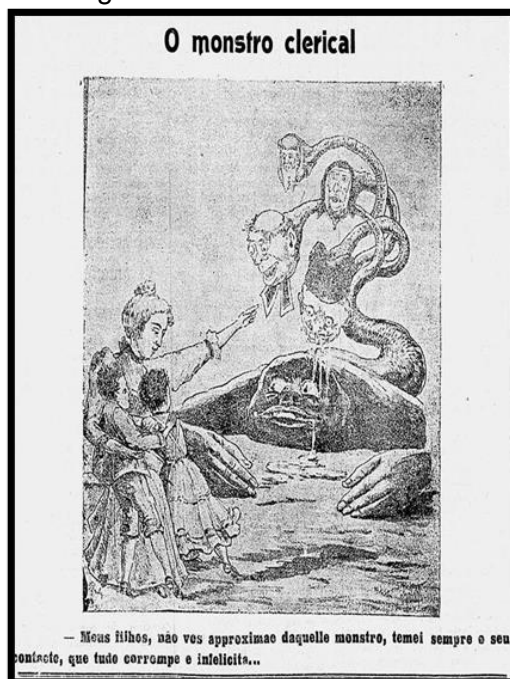
Tem-se, portanto, a utilização de um símbolo religioso (a cruz) com um direcionamento diferente do usual, sendo esse símbolo relacionado, no imaginário anticlerical, com a denúncia de uma realidade insuportável, com o pesado fardo dos fiéis. Essa instituição opressora e imoral não será representada apenas através do sofrimento dos fiéis, mas também através do pavor, do temor que essa despertava, como nos exemplos que seguem.

Figura 18 – A hydra clerical



Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, n. 2, p. 1, 20 set. 1907.

Figura 19 – O monstro clerical



Fonte: *A Lanterna*, São Paulo, n.101, p. 1, 26 ago. 1911.

Nas figuras 18 e 19, visualizadas na capa do periódico *Lúcifer* no ano de 1907 e reproduzida novamente no ano de 1911 no periódico anticlerical paulista *A Lanterna*, o clero é representado através de um monstro horripilante, uma serpente de múltiplas cabeças, que o periódico *Lúcifer* denomina de “*A Hydra Clerical*”,<sup>16</sup> monstro esse que transmite a noção de perigo em uma possível aproximação, uma vez que os monstros são alegorias para problemas políticos e sociais e são representados através do horripilante, do feio, do extraordinário. Tais elementos, justamente pela sua anormalidade, podem causar um efeito de curiosidade nos leitores e os atraírem para o periódico; de forma que os aspectos imagéticos são, também eles, estratégias empregadas nas construções dos relatos.

Os periódicos, através de imagens horripilantes, pretendem confrontar-se com aquilo que os inquieta. E a inquietude transposta na seguinte caricatura é relacionada à influência (má influência, segundo a concepção anticlerical) do clero entre os trabalhadores. A mãe retratada na caricatura está segurando seus filhos e os advertindo sobre o perigoso monstro clerical, o qual apresentava várias cabeças com representantes do clero nas ramificações de sua cauda. Além de alertar para os perigos que o clero representava, a caricatura também tinha uma função pedagógica no sentido de educar as mães (principal porta de entrada da influência religiosa na família) para se afastarem da religião.

As figuras 18 e 19 apresentam, quando comparadas, suaves modificações nos títulos e legendas. O título “*a hydra clerical*” é substituído, na versão do *A Lanterna*, por “*o monstro clerical*” e as legendas que acompanham a imagem são as que seguem: “– Meus

<sup>16</sup> Provavelmente a denominação “*Hydra Clerical*” seja uma alusão a Hidra de Lerna, presente em vários mitos gregos. Segundo a mitologia grega, a hidra de Lerna era uma serpente monstruosa, de sete ou nove cabeças, que renasciam à medida que eram decepadas. As múltiplas cabeças simbolizavam a dificuldade em vencer os vícios ou os múltiplos perigos da existência humana. A Hidra, que habitava o lago de Lerna, foi morta em combate feroz por Herácles. Ver: KURY, M. G. *Dicionário de Mitologia grega e romana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

filhos, estaes sempre longe deste bicho. – Este é o corruptor de nossa inocência. O propagador da mentira. – O inimigo da fraternidade e igualdade dos povos”, no *Lúcifer* e “Meus filhos, não vos aproximae daquele monstro, temei sempre o seu contato, que tudo corrompe e infelicita”, no *A Lanterna*. Dessa forma, ambas as legendas, mesmo com sutis diferenças, reforçam a necessidade de se afastar da instituição clerical.

Ao dar visibilidade à figura feminina, as representações acima esforçam-se por redefinir certos papéis estabelecidos no emaranhado social da época. A mulher, até então considerada ingênua e facilmente controlável, precisa urgentemente ocupar uma posição mais ativa e independente na sociedade, desvinculada da influência religiosa. Entretanto, o desenvolvimento prático dessa questão de gênero dentro do próprio movimento anticlerical e do movimento anarquista como um todo é bastante problemático, uma vez que será apenas no contexto da Guerra Civil espanhola, com a participação ativa das mulheres nas milícias armadas, nas organizações operárias e também na imprensa, que essa independência e também reconhecimento intelectual se fará sentir com maior impacto. Antes disso, essa questão de gênero fica muito mais restrita ao discurso do que na sua verificação prática, ou seja, os periódicos anticlericais apresentam as mulheres enquanto vítimas de um sistema fortemente marcado pela religião, em que não lhes é permitido desenvolver seu intelecto de maneira sadia e distante dos dogmas católicos, mas, ao mesmo tempo, esses mesmos periódicos não parecem realizar ações efetivas para inserir substancialmente esse público feminino dentro do próprio movimento anticlerical e operário como um todo.

Além dessa questão relativa à emancipação e ao próprio papel da mulher dentro dessa batalha anticlerical, outra questão que o desenho hidra clerical provoca diz respeito às rotas de circulação da imagem pois, a mesma, é verificada primeiramente em Porto Alegre e, apenas alguns anos depois, no jornal paulista; rompendo, portanto, com aquela falsa e ultrapassada visão de que os artefatos culturais se alastram, necessariamente, dos grandes centros para as periferias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias-imagens verificadas nas figuras anticlericais aqui analisadas continuam em si diversas estratégias de interpelação do público a que se destinavam: formação de estereótipos facilmente identificáveis (padre autoritário, ganancioso, glutão e devasso, monja impura e sádica, fiel ingênua); criação e desumanização do inimigo (traços exagerados, feios e horripilantes); utilização do burlesco, do grotesco e da sátira, alimentando assim o imaginário anticlerical. Sabe-se que as imagens nascem com o intuito de difusão e de reprodução, mas alterações e ressignificações também fazem parte de sua existência no decorrer dos anos. Em alguns casos, constatou-se o nascimento de novas imagens a partir de uma matriz imagética já existente (o caso das adaptações do “roubo abençoado” e da “pesada cruz”, por exemplo) e foi exatamente esse processo de criação de imagens, de repetições, de circulações e de identificação das múltiplas temporalidades presentes nas mesmas que se tentou, ao menos em parte, recuperar.

## REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

CORRÊA, Felipe. *Bandeira negra: discutindo o anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

DI STEFANO, Roberto; ZANCA, José (org.). *Pasiones Anticlericales: un recorrido iberoamericano*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.



HUTCHEON, Linda. *Teoria e Política da Ironia*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

KAYSER, Wolfgang. *O Grotresco: Configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KURY, M. G. *Dicionário de Mitologia grega e romana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LITVAK, Lily. *Musa Libertaria: Arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo, 2001.

POLETTTO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, Poesias e Contos de Protesto na Imprensa Anarquista e Anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897- 1936)*. 2017. 471 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Unisinos, São Leopoldo, 2017.

RÉMOND, René. *L' anticléricalisme en France de 1815 à nos jours*. Bruxelas: Ed. Complexe, 1985.

RUDY, Antonio C. *O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. 2017. 310 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

ZANCA, José. El diablo detrás de la Risa. El Peludo y la caricatura anticlerical en los años veinte. Revista *Eadem Utraque Europa*, v. 8, n. 13, p. 209-236, 2012. Disponível em: <https://utraqueuropa.com.ar/index.php/eadem/article/view/109>. Acesso em: 15 ago. 2019.

## NOTAS DE AUTOR

---

### AUTORIA

**Caroline Poletto**. Doutora. Técnica Administrativa. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves. Bento Gonçalves, RS, Brasil.

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Avenida Osvaldo Aranha, 176, apto 301, CEP 95707-018, Bento Gonçalves, RS, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Algumas partes foram extraídas da tese *A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, Poesias e Contos de Protesto na Imprensa Anarquista e Anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897- 1936)*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, em 2017.

### AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Cláudio Pereira Elimir (*in memoriam*).

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

### FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (CAPES/ PROSUP).

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.



## **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

## **DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS**

Não se aplica.

## **PREPRINT**

O artigo não é um preprint.

## **LICENÇA DE USO**

© Caroline Poletto. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Juliana Salles Machado

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 14 de setembro de 2021

Aprovado em: 16 de dezembro de 2021

Como citar: POLETTO, Caroline. Imagens anticlericais radicais: a formação e a circulação de um imaginário subversivo na imprensa anticlerical argentina e brasileira no início do século XX. *Esboços*, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 109-132, jan./abr. 2022.

